

## NO SÉCULO DA BIOLOGIA: O CORPO ERÓGENO

*Ilka Franco Ferrari\**

## RESUMO

A orientação psicanalítica lacaniana apresenta especificidades sobre o tema *corpo*. Este texto percorre algumas delas, contextualizadas na atualidade, conhecida por alguns como a atualidade da biologia. Busca-se uma forma de situar o corpo nesse ensino e comenta-se a impossibilidade humana de se identificar com ele, o que coloca o sujeito na dimensão de ter um corpo e jamais poder sê-lo. A vida e a morte são chamadas à interlocução, porque a vida é apreendida a partir de um corpo e o corpo vivo é o lugar de gozo. Nesse percurso chega-se à impossibilidade de uma operação analítica que não conte com o corpo. São feitas algumas considerações sobre o corpo e a neurose, a psicose e a perversão.

Palavras-chave: Corpo vivo; Gozo; Ter um corpo; Biologia Psicanalítica

---

\* Doutora em Psicologia (Universidade de Barcelona - UB); Professora do curso de Graduação e do Programa de Mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas); Membro da Comissão de Ética da ANPEPP; Membro do Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior -BASIS; Membro da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas Gerais e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP); Editora da Revista *Psicologia em Revista*.

## ABSTRACT

## ON THE BIOLOGICAL CENTURY: THE EROGENOUS BODY

*The Lacanian psychoanalytical chain presents specifications regarding the body's theme. This text analyzes some of those at the present context known by a few as the present biology. It attempts a way of locating the body on the learning process and makes some comments about the human impossibility of identification with it. That puts the subject in the dimension of having a body but never becoming it. Life and death have to face a dialog when life is understood from the body and the living body itself is a place of enjoyment. There comes the impossibility of an analytical operation which does not count on the body. Furthermore there are a few considerations over the body, neurosis, psychosis and perversion.*

*Keywords: Living body; Enjoyment; To have a body; Psychoanalytical Biology.*

## NO SÉCULO DA BIOLOGIA: O CORPO ERÓGENO

Entre a preocupação e o respeito pelos avanços da ciência, formou-se, no meio de alguns estudiosos da psicanálise, o pensamento de que o século XXI seria o século da biologia. Eric Laurent (2000, 2008) é um desses psicanalistas. Ainda no século XX, em conferência na Universidade Federal da Bahia, ele comentava que o século XX foi o século da lógica formal e das ciências físicas a ponto de o *Times Magazine* indicar Einstein como o homem do século. Mas foi também o século de Freud no domínio do que se chama psicologia, com todas as conseqüências que suas idéias trouxeram para a consistência suposta na lógica formal.

O século XXI, no entanto, seria o “da biologia”, afirmava Laurent (2000), com base nas implicações da descoberta da leitura do genoma humano, das técnicas biológicas de multiplicação dos organismos (clonagem, reprodução assistida, cruzamento de barreiras entre espécies) e da descoberta de novos medicamentos. Nem precisaria chegar ao século XXI para perceber que tais descobertas proporcionavam, de forma inédita, acesso ao sistema de gozo do

TEMPO PSICANALÍTICO, RIO DE JANEIRO, v.40.2, p.???-???, 2008

corpo humano. No século que se encerrava, a imipramina, a clorpromazina e os antidepressivos já levavam a modos de gozo do corpo completamente desconhecidos até então.

Muito recentemente, portanto já no século XXI, esse autor que nunca perdeu a referência do social e que discute com frequência as questões da sociedade, coerente com o que dissera na Bahia, reafirma: hoje, o que temos em comum não é o laço social, político ou religioso, mas nosso corpo, nossa biologia. Transformamos o corpo humano num novo Deus (LAURENT, 2008). A civilização atual é caracterizada, segundo ele, pelo individualismo de massa e pelo espírito cientificista e mecanicista, que geram excessos e segregação. e, na falta de garantia de Deus, o corpo aparece como a última esperança para definir o bem comum, resultando em protótipo de falsas crenças, mas suposição de fundamento de uma ciência da felicidade.

Em meio a essas discussões sobre as transformações que a ciência provoca nos modos como o homem organiza a civilização e seu corpo, Miller (2003), que não desconhece os rumos da história, dedicou-se a falar e a escrever sobre o que denominou biologia laciana, comentando também o que considerou ser a biologia freudiana. Desde Freud a psicanálise é uma disciplina que acompanha os efeitos da ciência sobre o corpo do vivo (FERRARI, 2002) e depara-se, nessas questões, com espaços onde a vida e a morte se fazem presentes e onde a condição humana impõe que somente se possa dizer: “Tenho um corpo”.

## UMA PECULIAR BIOLOGIA

No meio psicanalítico, há muitos modos de se dizer o que é o corpo, conseqüência de variados rumos dados às formalizações deixadas por Freud.

de forma atual, a psicanalista Hebe Tízio (2007) introduz o leitor a um modo laciano de considerar a questão. Ela afirma,

TEMPO PSICANALÍTICO, RIO DE JANEIRO, v.40.2, p.??-??, 2008

simples e precisamente, que o corpo é superfície, território colonizado pela imagem, mas também pelas representações da época, pelos significantes que o modelaram e pelos objetos de satisfação que recortam sua topologia de orifícios.

Nessa maneira de dizer, Tízio (2007) localiza a dimensão imaginária, simbólica e real do corpo, deixando evidente que, tal como é pensado, nessa orientação psicanalítica, ele não existe desde o princípio do que comumente se chama vida. Ele é construção não estabelecida na natureza, embora porte um saber relativo à sobrevivência em um meio. Esse corpo inseparável de um saber sobre o mundo, que sabe o que fazer para viver, é o que em geral se conhece como organismo, corpo biológico, dimensão animal do vivente, indivíduo, do “*ser vivo que se realiza em um indivíduo*”, como enfatiza Miller (2003: 302).

Em uma bela maneira de escrever, Tízio (2007) continua: o corpo é imagem, é carne e será cadáver para ser definitivamente Outro, no culto da memória ou nada, no esquecimento irrecuperável, sem nome, no anonimato da história, estilo condensado de apresentar importantes idéias de Lacan ([1970] 2003) encontradas em “*Radiofonia*” e no *Seminário Mais, ainda* (LACAN, [1975] 1985). Seguir essas idéias, a passos compassados, pode valer a pena para não serem vãs as afirmações de Tízio (2007).

Lacan ([1970] 2003) utiliza uma palavra forte para designar o que acontece na experiência humana: *despedaçamento*. O faz, ainda antes de sua referência lingüística, ou seja, ao final do texto “*A agressividade em psicanálise*” (LACAN, [1948] 1998), quando tentava objetivar e descobrir os mecanismos da experiência do sujeito. Nos dois últimos parágrafos ele fala do “despedaçamento original do homem” e ali já se vê que não se trata de biologia humana alguma, mas muito mais de uma fórmula filosófica, quase hegeliana, existencialista. Era sua maneira de colocar o narcisismo humano e traduzir o que formularia, em 1949, sobre o estágio do espelho como organizador do eu. de todo modo, a noção de despedaçamento per-

manece em toda a obra lacaniana, pois a idéia da falta de unidade do sujeito fez com que Lacan sempre buscasse fórmulas para entender esse despedaçamento.

No *infans* há um despedaçamento primordial, próprio de sua imaturidade e conseqüente impotência. O estágio do espelho lhe propiciará solucionar o problema, pois o espelho devolve à criança um corpo “organizado” por meio da imagem unificante, validada pelo adulto (o Outro), imagem do corpo unificado, enraizamento do corpo no imaginário, testemunho dado pelo estágio do espelho. Conforme lembra Monribot (2003), há vantagens e desvantagens nesse processo. Vantagem na constituição do *je* (eu simbólico), que não é, ainda, o sujeito; vantagem, pois possibilita um *moi* (eu imaginário). Mas há o problema de que esse Um corporal que se constitui não promove identidade. Para sempre o humano só poderá dizer “tenho um corpo”; jamais poderá afirmar “eu sou um corpo”.

No estágio do espelho o organismo é uma imagem e o real do gozo do vivente não é tratado. Haverá necessidade do Outro da linguagem, do simbólico, para que ocorra esse tratamento, ou seja, para fazer-se um corpo. Há também um preço nessa operação, já que, para ganhar algo de sentido, possibilidade oferecida pela linguagem por meio da incorporação significante, deve-se ceder algo de gozo. O gozo original e real, que reinou no corpo-organismo, é negativizado. Em “*Radiofonia*”, Lacan ([1970] 2003) dirá que a linguagem *corpsifica*, cadaveriza, mortifica, mas não transforma o corpo em carniça. Ao mesmo tempo em que o simbólico atribui um corpo ao humano, o significante torna esse corpo um deserto de gozo, o desnaturaliza. Transforma-o em corpo pulsional, corpo erógeno, e esse é o momento do nascimento propriamente dito do corpo. Há, no entanto, sempre um resto de real do corpo que o significante não recobre, que não passa pela ação do significante.

É no corpo erógeno que a libido - que se introduz em suas zonas erógenas, nos orifícios por onde algo de gozo se perdeu, favorecendo o fantasiar de uma perda - tem a função específica de recu-

perar, permanentemente, no exterior, o gozo perdido no interior, evadido do corpo. Trata-se de uma disposição pulsional dirigida aos objetos libidinais separados do corpo: o seio, as fezes, o olhar, etc. Por outro lado, é o significante que reanima o corpo... Mortificação, vivificação... Mas há exceções, ou seja, outros modos de estruturação subjetiva ou, na linguagem do último ensino lacaniano, outros modos de funcionamento.

Na psicose, o corpo permanece fragmentado, sem possibilidade de experiência unificadora como a que acontece no estágio do espelho do neurótico, com a antecipação da imagem do corpo possibilitando sua produção. O sujeito psicótico não consente no tratamento significante, rechaça trocar o gozo pela significação e, assim, o gozo invade seu corpo sem possibilidade de reorganização pela pulsão. Um trabalho importante, com esses sujeitos, passa pela restituição de um corpo possível, “como fazer” um corpo.

O perverso, por sua vez, faz de seu corpo instrumento de gozo do Outro, para fazer o Outro gozar. Ao produzir angústia ou dor nos outros, ele goza, subtraindo a divisão estrutural que coloca sobre o Outro e se torna sujeito de puro prazer.

Essas concisas considerações sobre psicose e perversão ajudam a compreender que aquilo que se conhece como rechaço do corpo só pode acontecer na neurose (GRASES, 2007). Para rechaçar, é preciso haver o corpo a ser rechaçado. Nesse caso, um corpo pulsional, sexuado, já que só se pode rechaçá-lo por sua condição de inconscientemente erotizado. As primeiras pacientes de Freud lhe ensinaram essa lição, por meio de suas conversões.

Miller (2003), pautado nessa orientação, marca a diferença da biologia lacaniana e freudiana, mencionada aqui sinteticamente. A Lacan interessava o gozo ligado à vida, mas sob a forma do corpo. Na teoria dos nós, por exemplo, quando supõe sua interseção com o real, ele é também o corpo substância de gozo, sobre o qual Lacan ([1975] 1985) muito insistiu a partir de *Mais, ainda*.

Na teoria dos nós o corpo é, por um lado, a forma, o saco mantido em sua forma e, também, o corpo que goza. Portanto, ocupa duplo lugar. A vida vai além da vida do corpo individual, sua forma transitória. No que tange a Freud, Miller (2003) comenta que todo o seu esforço se dirigia no sentido das forças que operavam na substância vivente, as pulsões, que “já estavam presentes independentemente da constituição, não só de um corpo, mas inclusive de um organismo pluricelular” (MILLER, 2003: 315). Freud também capta a vida como mais ampla que o corpo, o que se pode constatar no *Além do Princípio do Prazer*. Não distingue, porém, corpo e vida porque, para ele, o corpo individual segue a mesma lógica da vida. Há um estado natural, inicial, inanimado, e a vida surge como uma perturbação exterior desse estado, de forma que suas propriedades foram suscitadas na matéria inanimada, por ação de uma força, o que o leva a buscar, ali, as manifestações da pulsão. Situa a morte como o retorno do animado ao inanimado, mas são bem conhecidas suas formalizações sobre a pulsão de morte e as pulsões sexuais, pulsões de vida, só aparentemente enraizadas na biologia. Lacan constata essa aparência e desconsidera o binarismo das pulsões, pois, para ele, toda pulsão é, virtualmente, pulsão de morte. Nesse ponto Miller (2003) cita o capítulo V de *Além do princípio do prazer* (FREUD, [1920] 1969) para dizer que em Freud já se encontram indicadores de que a libido está presente na pulsão de morte. No campo teórico, a pulsão do eu e a pulsão sexual tornavam complexo o funcionamento da libido, pois esta estava presente tanto em uma quanto na outra. Freud imaginou que poderia resolver o problema com as formalizações de pulsão de vida e de morte, o que, pelo visto, não funcionou tão bem... Morte e libido têm algo em comum e a morte do significante é bom exemplo de que o humano antecipa sua morte, morte antecipada, completamente diferente da morte natural. Freud ([1915] 1969) também não ignorava a questão e o mostra, a seu modo, em *Reflexões para os tempos de guerra e morte*.

Com Lacan, vida e morte se entrelaçam, entre duas mortes e duas vidas. Morte natural e significante, vida antes e após o significante.

### O CORPO E A VIDA

Refletir sobre o corpo, segundo sua orientação psicanalítica estruturada nos pilares de Freud e Lacan, levou Miller (2003) ao encontro de um tema nada simples, como ele mesmo confessa: o que é a vida? Pensar a vida como tema é uma exigência para entender a ligação que Lacan faz, em mais de um momento, entre corpo e gozo. e, a partir daí, não há como evitar deparar-se com a morte. Vida e morte, ambas bem presentes nas formalizações de Freud e Lacan e, também, nada fáceis de serem abordadas por eles.

No *Seminário Mais, ainda* (LACAN, [1975] 1985), há uma formulação recordada por Miller (2003) como semelhante a uma definição psicanalítica da vida. Nela, Lacan afirma que não sabemos o que é estar vivo, “*senão apenas isto, que um corpo, isso se goza*” (LACAN, [1975] 1985: 35). A vida, da qual nada se sabe, o fenômeno que em sua essência permanece impenetrável e que escapa, por mais que se tente apreendê-lo, como havia dito antes, agora é localizado a partir do gozo.

Em seu apólogo sobre a vida e a verdade, por onde se deixou levar Miller (2003) em sua biologia, ele comenta que a verdade até Freud não falava. Falava-se sobre ela. Com Lacan ela começou a gritar(...) A vida, por outro lado, nunca falou e por isso mesmo se sabe o que ela quer. Quer transmitir-se e durar. A vida não morre, morrem os corpos. Saber o que quer a vida não esclarece, no entanto, o seu “porquê”. A vida é sem “porquê”. Assim, as vozes que saem em defesa da vida, “contra os danos que os vivos lhe causam” são, em geral, vistas como as que dizem a verdade.

Os rumos tomados pela psicanálise consideram não saber o que é a vida, mas supõem a certeza de que “*sem ela não há gozo*” (MILLER, 2003: 301), ou seja, o gozo é impensável sem a vida sob a forma do corpo. A vida ultrapassa a dimensão do corpo em sua transitoriedade, mas o gozo só é possível em um corpo vivo. A expressão “corpo vivo” evidencia que não se trata do corpo imaginário tampouco do corpo simbólico. É o corpo em sua dimensão real. Apreendemos a vida a partir de um corpo, corpo vivo, condição de gozo, pois há gozo na vida.

Essas formalizações surgem numa época em que o real - anteriormente abordado pela via do impossível de simbolizar, de significar, de imaginar, de pensar, de modificar, real fora do simbólico - toma outro rumo. O real do final do ensino lacaniano, fora do simbólico, seguramente aponta para a vida, o vivente, o gozo do vivente. Torna-se uma de suas questões saber como o gozo do vivente se transforma em gozo no ser falante e, por isso, Lacan se vê perguntar sobre o gozo da ameba, da planta, do gato, até chegar a dizer que o campo do real somente pode ser colonizado pelas ciências da vida. Forma de dizer que pensa o campo do real como o campo do vivente. Mas, no último ensino de Lacan, o real também é a morte, um impossível de pensar e de representar no campo da vida.

Foi a referência ao dualismo cartesiano que permitiu a Lacan abordar a vida gozosa, ou seja, o dualismo vida/gozo sob a forma de substância gozante, ainda que criticasse Descartes no texto “*da psicanálise em suas relações com a realidade*” (LACAN, [1967] 2003), por haver reduzido o corpo à sua extensão. Reduzir a matéria à extensão implicava separar o corpo de seu gozo. Mas a fragmentação do corpo é mesmo algo que sempre esteve presente no ensino de Lacan, conforme já se mencionou. Quando se trata do corpo do ser falante, trata-se do despedaçamento desse corpo, ou seja, do Um questionado pelo fracionamento e da falta de harmonia na organização do vivente e seu meio.

Embrenhando-se por esses caminhos e considerando que o conceito de vida entrou em decadência a partir do surgimento da

termodinâmica - preocupada com a energética e não com a vida, objeto de estudo da biologia - Miller (2003) chegou ao que chamou de “*nossa fórmula*”: “*O corpo vivo é a condição de gozo*” (MILLER, 2003: 301). do mesmo modo que a linguagem é condição do inconsciente, o corpo vivo é condição de gozo.

## TER UM CORPO

A constatação da existência de uma fragmentação, de um despedaçamento do corpo, coloca em questão seu modelo imaginário de Um e, logicamente, a identidade do corpo. O estudioso da psicanálise não fica, nesse ponto, na posição do cidadão comum, dos leigos que identificam, imaginariamente, o ser do vivente e o corpo. Isso é possível para os animais não humanos. Na espécie humana, onde o corpo se refere ao estatuto do corpo erógeno, que supõe o corpo da linguagem, o corpo não depende do ser.

Lacan (1977) estabelece um dualismo cartesiano entre saber e corpo, principalmente em *Joyce, o sintoma*. Para o humano, a questão do ser se localiza do lado do saber. Assim, a questão do corpo está do lado do ter e toda relação possível do sujeito com seu corpo é a de ter um corpo.

O sujeito lacaniano, como repetidas vezes se escreve e se diz, está na ordem do ser, ainda que como falta-a-ser, pois sujeito do significante. Sua falta-a-ser, efeito do significante que divide seu ser e seu corpo, o reduz à condição de ter um corpo e não poder se identificar com ele, não poder ser o corpo. Decorre daí, conforme lembra Miller (2003), toda dedicação, toda inclinação própria do humano pela imagem do corpo. Em suas palavras, “*a enorme afetação narcisista, característica da espécie, procede precisamente desta falta de identificação subjetiva com o corpo evidenciada, sobretudo, na histeria*” (MILLER, 2003: 311).

Na histeria, desde o tempo de Freud, observa-se um rechaço do corpo, como se mencionou no início. Dizer que o corpo é

rechaçado significa admitir que haja corpo para se rechaçar! Mas por que seu rechaço? Exatamente por resultar inconscientemente erotizado. Mesmo sofrendo esses avatares, o corpo da histérica fala, fala a verdade, pois se trata de corpo-cenário de um conflito onde o sintoma se mostra como metáfora, só que, enquanto localizado no corpo, ele vela um enigma a ser decifrado, uma mensagem inconsciente dirigida ao Outro. É o corpo enfermo da verdade, que Freud chamou de recalque e retorno do recalcado, pois, habitado pela linguagem, não se subjugava ao saber natural que há no corpo. e é por isso que se diz que o prazer se torna gozo quando há transbordamento de saber não obedecido e que verdade e gozo se irmanam contra o saber do corpo.

O organismo suporta, então, dois corpos: o corpo do saber, que sabe o necessário para sobreviver, deve ser regulado e tal regulação supõe prazer; o corpo libidinal, corpo de gozo, desregulado, que rechaça a verdade e adoece por causa da verdade que o habita, adoece porque deixa de obedecer ao saber que porta, fato com o qual Freud se deparou ainda no final do século XIX. Nos escritos freudianos sobre o sintoma, este é uma manifestação da falta de identificação do homem com seu corpo, onde acontecem coisas. Ele é, como tem enfatizado Miller (2003), “acontecimento do corpo”; sempre acontecimentos de discurso que deixam marcas no corpo e o perturbam. Miller retoma e enfatiza o que Lacan escreveu uma única vez: “*Deixemos o sintoma no que é: um acontecimento de corpo, ligado ao que se tem...*” (LACAN, 1997: 13). Ligado, portanto, a ter um corpo, pois ter um corpo faz com que o homem tenha sintomas, com os quais também não se identifica.

### ENTÃO, ANÁLISE SEM CORPO?

No século da biologia, conforme pensou Laurent (2000), com inúmeras formas de tratamento do corpo e para o corpo, biológicas

e psíquicas, com tecnologias avançadas, a psicanálise insiste no corpo erógeno, embora não desvalorize os avanços da ciência.

Nesta época em que a velocidade e a praticidade tendem a “simplificar” e “facilitar” as formas de tratamento, a psicanálise marca um descompasso: por considerar que a linguagem é condição do inconsciente, que o corpo vivo é condição de gozo e que o sintoma é acontecimento de corpo, não subtrair o corpo da operação analítica, ainda que reduza ao mínimo sua presença. Não há análise por telefone, por internet, por escrito, enfatiza Miller (2003), pois a fala é algo do significante, mas habita o corpo vivo. Ele não pode ser abstraído, embora por algum tempo, em nome da ênfase no sentido, alguns analistas quase o tenham perdido de vista. Na operação analítica, a presença dos corpos, de dois corpos, não se elimina.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERRARI, I. F. (2002). A psicanálise no mundo da ciência. *Psicologia em Revista*, 11, (pp. 82-91)
- FREUD, S. (1915/1969). *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. Obras Completas, ESB, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1920/1969). *Além do princípio do prazer*. Obras completas, ESB, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- GRASES, S. (2007). Modalidades de rechazo del cuerpo. *Cuadernos de psicoanálisis*, 30, (pp.188-193)
- LACAN, J. (1948/1998). A agressividade em psicanálise. In: *Escritos*. (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- \_\_\_\_\_. (1967/2003). da psicanálise em suas relações com a realidade. In: *Outros Escritos*. (pp. 350- 358). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- \_\_\_\_\_. (1970/2003). Radiofonia. In: *Outros Escritos*. (pp. 403- 447). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- \_\_\_\_\_. (1975/1985). *O Seminário: livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

TEMPO PSICANALÍTICO, RIO DE JANEIRO, v.40.2, p.???-???, 2008

- \_\_\_\_\_. (1977). Joyce el Síntoma II. *Uno por Uno*, 45, (pp. 9-14).
- LAURENT, e. (2000). A psicanálise no século XXI. In: *As paixões do ser*. (pp. 11-28). Salvador: Escola Brasileira de Psicanálise – Bahia, Instituto de Psicanálise da Bahia.
- \_\_\_\_\_. (2008). Entrevista para o Jornal *La Nación*, exibida em 9 de julho de 2008 e divulgada por EBP-Veredas em 01/08/2008.
- MILLER, J.-A. (2003). Biologia lacaniana. In: *La experiencia de lo real en la cura*. (pp. 299-318). Buenos Aires: Paidós.
- MONRIBOT, P. (2003). *Qué curación del cuerpo en análisis? Freudiana*, 37, (pp. 29- 44).
- TÍZIO, H. (2007). *El cuerpo en la clínica psicoanalítica*. Córdoba: Colección Grulla, Publicación del CIEC.

Recebido em: 28/08/2008

Aceito em: 05/09/2008